

A NÃO BINARIDADE COMO REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

MARIANA SANHUDO*

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Estudos da Tradução, Florianópolis, SC, Brasil.

Recebido em: 31 out. 2024. Aprovado em: 24 jan. 2025.

Como citar este artigo: SANHUDO, M. A não binaridade como representação e identidade na literatura contemporânea. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 1, p. 74-89, jan./abr. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n1p74-89

Resumo

Este artigo explora as estratégias narrativas para a construção de personagens não binários na literatura contemporânea, analisando as abordagens dos autores e os desafios enfrentados para incluir personagens que ampliem a diversidade de gênero. A pesquisa também examina o impacto social dessa representatividade e como ela pode influenciar a identidade e a empatia dos leitores, especialmente os mais jovens, promovendo novas possibilidades de inclusão e compreensão de identidades não normativas.

* *E-mail:* marisanhudo@hotmail.com
 <https://orcid.org/0009-0005-5011-3390>

Palavras-chave

Representatividade de gênero. Personagens não binários. Literatura contemporânea.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo explorar a representação de identidades não binárias na literatura e na indústria cultural, investigando como a presença desses personagens contribui para a diversidade e inclusão nas narrativas contemporâneas. Com a expansão de debates sociais sobre gênero e identidades que transcendem o binarismo, a literatura tem se tornado um espaço para amplificar vozes historicamente marginalizadas e introduzir conceitos de identidade complexos e fluidos. A representação de personagens não binários é, portanto, um movimento que ultrapassa o entretenimento, desempenhando um papel na construção de uma cultura mais inclusiva e refletindo a evolução das discussões sobre gênero.

Como Judith Butler (2018, p. 8) sugere, “o gênero é uma performance, uma construção contínua que pode ser subvertida e reformulada”. Essa perspectiva destaca como a literatura pode servir como um espaço para a desconstrução de normas tradicionais e a promoção de novas identidades. Da mesma forma, bell hooks (2019, p. 288) enfatiza a importância da representatividade e dos espaços de fala, afirmando que “a margem é um local de radical possibilidade, um espaço de resistência”.

Ao situar a não binaridade na literatura e nas produções culturais, o estudo busca entender o impacto dessas representações para diferentes públicos, especialmente como elas influenciam a formação de identidade, empatia e aceitação de realidades diversas. Com narrativas que desafiam estereótipos tradicionais de gênero, a literatura pode oferecer aos leitores a possibilidade de se verem representados de maneiras inéditas ou de desenvolverem uma compreensão mais profunda das experiências de pessoas não binárias. No contexto da indústria cultural, esses personagens também respondem a uma demanda crescente por diversidade e autenticidade, refletindo transformações sociais e promovendo uma leitura crítica dos papéis de gênero.

Dessa forma, o estudo pretende iluminar a relevância e os impactos da representação não binária, evidenciando como a literatura e outras mídias não apenas ecoam os debates sobre identidade, mas também contribuem para moldar as atitudes e percepções culturais em relação às identidades de gênero diversas.

A inclusão de personagens não binários na literatura e nas mídias culturais é um fenômeno relativamente recente, que vem ganhando força nas últimas décadas com o avanço dos debates sobre gênero e identidade. Embora a literatura tenha explorado personagens que desafiam normas de gênero em algumas obras clássicas e experimentais, a não binaridade, como a entendemos hoje, encontrou espaço especialmente a partir dos movimentos feministas e LGBTQIA+ do século XX, que pressionaram por maior visibilidade e representatividade nas artes e na mídia.

A primeira onda de representações não binárias muitas vezes surgia de maneira sutil, com personagens que se recusavam a ser definidos estritamente como homem ou mulher, mas que raramente eram descritos de forma explícita como não binários. Um exemplo inicial pode ser encontrado na ficção científica, em que autores começaram a questionar o conceito de gênero fixo ao retratarem alienígenas e seres futuristas com identidades fluidas ou múltiplas. *The left hand of darkness*, de Ursula K. Le Guin (2012), é uma obra paradigmática nessa área, trazendo uma sociedade alienígena em que indivíduos são andróginos e assumem características de gênero apenas durante períodos específicos, refletindo as limitações e construções sociais em torno do gênero.

Nos anos 2000 e 2010, o aumento do ativismo trans e não binário impulsionou a presença de personagens explicitamente identificados como não binários. Autores contemporâneos de ficção jovem e adulta passaram a incluir personagens que se identificam como gênero fluido, agênero, entre outras identidades, ampliando o alcance e a visibilidade dessa representação. Esse movimento reflete a demanda crescente do público por histórias que abordem a diversidade de gênero de forma autêntica, inspirando discussões mais profundas sobre o papel das normas de gênero na sociedade.

Dentre os 20 livros mais vendidos de 2022, segundo o PublishNews, site jornalístico especializado no mercado editorial, três eram histórias sobre personagens LGBTQIAP+. No ano anterior, apenas duas obras constavam na lista geral dos preferidos do público. Em 2020, não havia nenhum. Embora recente, o destaque de obras dedicadas a essa representatividade é uma tendência que

vem se consolidando aos poucos, para alegria de leitores e autores desse segmento (Queiroz, 2024).

Hoje, personagens não binários são mais comuns em várias formas de mídia, incluindo filmes, séries e literatura jovem, em que encontram uma audiência que busca representações inclusivas e que abordem questões de identidade com sensibilidade e profundidade. Essas histórias não só normalizam a diversidade de gênero, mas também permitem que pessoas não binárias se sintam vistas e compreendidas em um mundo que ainda luta pela aceitação dessas identidades. A inclusão de personagens não binários, portanto, marca uma transformação nas mídias culturais, que se tornam mais plurais e acessíveis a diversas experiências de gênero.

A importância de explorar a não binaridade nas narrativas culturais reside na necessidade urgente de refletir a diversidade de experiências e identidades presentes na sociedade contemporânea. Em um contexto no qual a representatividade é reconhecida como fator central para a construção de identidades e o fortalecimento de vínculos sociais, a inclusão de personagens e histórias que desafiam o binarismo de gênero permite que um público mais amplo se reconheça e se sinta validado em seus modos de ser. O apagamento de identidades não binárias nas narrativas culturais cria um déficit de representatividade, que nega visibilidade a esses grupos, reforça estereótipos e limita a compreensão pública sobre a pluralidade humana.

A metodologia adotada neste estudo combina uma abordagem teórica e comparativa, com o objetivo de analisar a representação da não binaridade nas narrativas culturais, utilizando obras literárias como *corpus* de análise. Inicialmente, a análise teórica fundamenta-se em autores e autoras que abordam questões de gênero e representatividade, oferecendo o embasamento necessário para entender como as construções de gênero são reproduzidas e desafiadas nas narrativas culturais.

Para compreender a influência das relações de poder na construção do conhecimento e na formação de identidades, é fundamental considerar as críticas feministas. Essas críticas, como observado, utilizam o conceito de gênero para questionar o viés sexista e androcêntrico que prevalece na ciência e na sociedade. Nesse contexto, gênero é entendido não apenas como uma categoria biológica, mas também como uma construção social e histórica, moldada por relações de poder. Essa perspectiva, sobre representatividade e espaços de

fala, ajuda a entender a literatura como uma plataforma para a expressão de identidades diversas e marginalizadas.

Instrumentada pelo conceito de gênero, a crítica feminista questiona o forte viés sexista e androcêntrico, que define o homem, branco, heterossexual, capitalista, ocidental como sujeito do conhecimento, os pressupostos epistemológicos que orientam o fazer científico, a forma como são socializados os sujeitos que buscam seguir na ciência, entre outros aspectos. Do mesmo modo que o gênero é também uma construção social e histórica, produto e efeito de relações de poder (Silva; Ribeiro, 2011, p. 3).

Em seguida, procede-se a uma análise comparativa entre diferentes textos e produções culturais, identificando de que maneira personagens e tramas não binárias são retratados em cada um, com foco em aspectos como complexidade narrativa, características dos personagens e recepção pelo público.

A metodologia inclui também um estudo de caso detalhado de uma obra específica que apresenta personagens não binários, permitindo uma investigação mais aprofundada sobre como a narrativa constrói e problematiza a identidade de gênero. Esse estudo de caso visa destacar os elementos narrativos e estilísticos que contribuem para uma representação mais inclusiva e realista, buscando responder à demanda crescente por representatividade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os conceitos de gênero e não binaridade têm sido amplamente desenvolvidos em estudos de gênero e teoria *queer*, visando desafiar noções tradicionais de identidade e expressão. Gênero, na perspectiva contemporânea, é compreendido como uma construção social que vai além da atribuição biológica – como já afirmava Beauvoir (1967, p. 9): “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” –, pois envolve uma gama de comportamentos, expressões e identidades que podem não corresponder ao sistema binário tradicional de masculino e feminino. A ideia de gênero como um espectro, em vez de uma dicotomia fixa, abre espaço para a inclusão de identidades que desafiam e transcendem essas categorias.

A não binaridade, especificamente, refere-se a identidades de gênero que não se encaixam nos moldes estritos de “masculino” e “feminino”. Indivíduos

não binários podem experimentar o gênero de maneiras fluidas, múltiplas ou situacionais, o que evidencia a complexidade e a diversidade das identidades humanas:

Pessoas que se nomeiam como não-binárias ou fluidas caracterizam-se e des-caracterizam-se como homens, mulheres, ambos, entre ou nenhum. Colocam-se na perspectiva de um devir, de estar em trânsito, de estar disposto ao invés de posto (Padilha; Palma, 2017, p. 3).

O desenvolvimento do conceito de não binaridade tem raízes nos estudos *queer*, em que teóricos e teóricas exploram a multiplicidade de experiências de gênero e questionam as normas impostas pela sociedade. Esse conceito destaca-se como uma resposta à rigidez do binarismo de gênero e à necessidade de representações que abarquem uma variedade maior de identidades. O estudo da não binaridade nos estudos de gênero e *queer* busca não só ampliar a compreensão sobre identidades de gênero, mas também promover um ambiente inclusivo e acolhedor para indivíduos que não se identificam com as normas estabelecidas, reconhecendo e celebrando a diversidade humana em suas múltiplas formas.

A representatividade em literatura possibilita que leitores se identifiquem com personagens e narrativas, especialmente no que tange a identidades de gênero diversas. Estudos sobre representatividade destacam que a inclusão de personagens que fogem ao binarismo de gênero enriquece o campo literário e promove a visibilidade de grupos historicamente marginalizados, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e a criação de uma cultura mais inclusiva:

[...] a literatura desafia estereótipos danosos e contribui para a formação de uma narrativa nacional mais inclusiva. Ela adapta uma visão crítica da sociedade, questionando as estruturas de poder e evidenciando as desigualdades persistentes (Silva; Silva, 2011, p. 31).

Na literatura infantojuvenil, por exemplo, a inclusão de personagens não binários tem sido explorada como uma ferramenta educativa, que permite aos jovens leitores desenvolver empatia e compreensão em relação às múltiplas formas de identidade de gênero. Essas representações legitimam as experiências de indivíduos não binários, oferecendo um contraponto aos arquétipos tradicionais de masculinidade e feminilidade.

Além disso, estudos de recepção sugerem que a presença de personagens não binários em narrativas literárias possui um impacto cultural significativo, pois tais personagens atuam como modelos que incentivam a autoaceitação e promovem a autoestima em leitores que compartilham dessas identidades. A literatura contemporânea que integra essas identidades desafia as normas convencionais e ajuda a moldar uma visão mais inclusiva e acolhedora da sociedade, demonstrando a capacidade da narrativa de influenciar o imaginário coletivo e ampliar os horizontes culturais.

A compreensão do gênero como ato performativo, tal como sugerido, implica que ele se configura por meio de uma *performance* repetida, que tanto reencena quanto reexperimenta significados sociais estabelecidos. Esse processo de repetição não só legitima essas significações de forma mundana e ritualizada, mas também as torna públicas e coletivas, influenciando a forma como os indivíduos estilizam suas identidades de gênero. Judith Butler, uma das principais teóricas desse conceito, argumenta que essas *performances* têm um papel crucial na manutenção da estrutura binária do gênero. Embora os corpos individuais sejam os agentes dessa *performance*, a continuidade dessa ação pública é fundamental para consolidar e perpetuar as normas de gênero, sublinhando que a construção do sujeito é um efeito dessas práticas performativas e não uma causa preexistente.

Assim, em que sentidos o gênero é um ato? Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma *performance* repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em formas do gênero, essa 'ação' é uma ação pública. Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito (Butler, 2013, p. 200).

A revisão da literatura sobre representatividade evidencia que a inclusão de personagens não binários vai além da simples diversificação dos personagens. Ela constitui uma prática transformadora que, ao inserir vozes e identidades pluralistas, contribui para uma literatura que representa a complexidade da experiência humana e oferece ao público novas formas de ver e viver o mundo.

As teorias de recepção e consumo de narrativas fornecem ferramentas fundamentais para entender como leitores e audiências interpretam as representações de personagens não binários e se conectam com elas. Essas teorias, baseadas principalmente em estudos culturais e comunicação, sugerem que o leitor consome passivamente as histórias, experiências e expectativas. Quando se trata de personagens não binários, as respostas do público podem variar amplamente, dependendo da familiaridade e da abertura a questões de gênero e identidade.

A construção social e cultural dos gêneros enfatiza que tanto o feminino quanto o masculino são moldados pelas normas e matrizes culturais em que se inserem, refletindo expectativas, valores e papéis sociais atribuídos a cada indivíduo dentro de um contexto histórico e social específico. A obrigatoriedade de se identificar exclusivamente como masculino ou feminino é uma imposição normativa que desconsidera outras possibilidades de gênero. Esse binarismo só faz sentido dentro de uma matriz cultural que o legitima e o perpetua. A reflexão trazida pelo texto “Feminização, estigma e o gênero facializado: a construção moral do gênero feminino por meio de cirurgias de feminização facial para travestis e mulheres transexuais”, de Aureliano Lopes da Silva Junior (2018, p. 498), nos convida a questionar e desafiar essas estruturas binárias, promovendo uma visão mais inclusiva e plural das identidades de gênero:

[...] os femininos e masculinos são construídos na e pela cultura. Esta identificação com um ou outro gênero, e a obrigatoriedade normativa destes se apresentarem apenas nesta lógica binária que não legitima outras possibilidades, só faz sentido dentro de uma matriz cultural que as reconheça desta forma.

Stuart Hall, por exemplo, com sua teoria da codificação e decodificação, afirma que os leitores e espectadores interpretam mensagens com base em três posições: uma posição dominante (aceitação do sentido pretendido pelo autor), uma posição de negociação (aceitação parcial com questionamentos) e uma posição opositiva (rejeição da mensagem). Aplicado à representação de personagens não binários, esse modelo sugere que alguns leitores podem aceitar totalmente esses personagens como uma parte natural da narrativa, enquanto outros podem questionar ou até resistir à inclusão, refletindo seus próprios entendimentos e preconceitos em relação à diversidade de gênero.

O modelo encoding-decoding, tal como desenvolvido por Hall [...], é um dos enfoques mais importantes no estudo das audiências da mídia. Ele tem sido uma referência importante para os estudos de recepção que surgiram na década de 1980 a partir de teorias críticas (Porto, 2003, p. 11).

Além disso, teorias de empatia narrativa indicam que a identificação emocional com personagens de diferentes realidades pode aumentar a compreensão e aceitação da diversidade. Narrativas que desenvolvem personagens não binários de maneira complexa e humana permitem que o público se conecte emocionalmente, promovendo um entendimento mais profundo e empático dessas identidades. Em particular, ao explorarem dilemas e experiências universais, como amizade, autodescoberta e desafios sociais, esses personagens se tornam acessíveis e relacionáveis, o que fortalece o impacto positivo da representatividade.

Teóricos como Wolfgang Iser também abordam o “espaço vazio” nas narrativas, em que as lacunas e ambiguidades permitem ao leitor completar e personalizar a história com sua própria interpretação. No caso de personagens não binários, essas lacunas podem fomentar uma recepção ativa e engajada, pois os leitores interpretam a complexidade da identidade de gênero a partir de suas próprias vivências, questionamentos e sensibilidades.

Assim como toda experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há um “sabor prévio, ele próprio um momento dessa experiência, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial”. Ademais, a obra que surge não se apresenta como uma novidade absoluta num espaço vazio, [...] ela desperta a lembrança do já lido (Jauss, 1994, p. 28).

A citação de Jauss (1994) aborda a experiência literária como um fenômeno que está intrinsecamente ligado ao contexto e às vivências anteriores do leitor. Assim como em qualquer experiência real, a leitura de uma obra desconhecida é mediada por um “sabor prévio”, ou seja, por referências e memórias de leituras passadas que tornam o novo compreensível e experienciável. Esse “sabor prévio” é parte integral da experiência literária, permitindo que o novo se torne legível dentro de um contexto já conhecido.

Jauss (1994) destaca que uma obra literária não surge como uma novidade absoluta em um vácuo; ela desperta lembranças de outras leituras e se

conecta a elas, criando um diálogo intertextual. Isso significa que cada nova leitura é enriquecida pelas experiências literárias anteriores do leitor, e essas experiências, por sua vez, influenciam a interpretação e a compreensão da nova obra.

ANÁLISE DAS DINÂMICAS DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO

A produção de personagens não binários na literatura tem se tornado uma pauta relevante e desafiadora para autores e editoras que buscam diversificar as representações de gênero em suas obras. A inclusão desses personagens demanda uma série de estratégias narrativas para criar representações autênticas e respeitadas, além de enfrentar desafios tanto no processo criativo quanto na adaptação ao mercado editorial.

Autores que introduzem personagens não binários costumam optar por várias abordagens que, em conjunto, visam legitimar e naturalizar essas identidades dentro da narrativa. Uma das estratégias mais comuns é a construção de um mundo fictício em que as normas de gênero são menos rígidas, permitindo que a existência de personagens não binários seja percebida como algo natural, tanto para os leitores quanto para os próprios personagens do universo narrativo. Esse ambiente inclusivo promove uma maior aceitação, contribuindo para a visibilidade de identidades de gênero não convencionais sem a necessidade de uma explicação didática, o que poderia tornar a representação pesada ou descontextualizada.

Na sociedade contemporânea, a questão da visibilidade das identidades marginalizadas é um tema necessário, especialmente nos contextos cultural e literário. A predominância das vozes centrais na narrativa muitas vezes silencia ou marginaliza grupos cuja identidade é vista de maneira negativa pela cultura dominante. Isso cria uma dinâmica em que os sujeitos pertencentes aos grupos centrais ocupam quase todos os espaços de fala, tanto nos ambientes sociais quanto literários. Nesse sentido, a citação a seguir destaca a problemática da invisibilidade e a urgência de dar voz às identidades marginalizadas:

A invisibilidade de grupos marginalizados, que pertencem a identidades que recebem juízo de valor negativo por parte da cultura predominante, raramente é discutida; as vozes dos sujeitos centrais se sobrepõem a ela. Essas vozes,

algumas vezes, falam representativamente sobre esses grupos; no entanto, suas próprias vozes raramente são ouvidas. Os lugares de fala nos espaços sociais e literários, assim como no interior da própria narrativa, estão quase sempre completamente abarcados pelos sujeitos pertencentes aos grupos centrais (Antunes; Umbach, 2017, p. 30).

Outra abordagem consiste no uso consciente de pronomes neutros e vocabulário inclusivo, sobretudo em idiomas que, como o português, possuem uma estrutura linguística fortemente marcada por gênero. No entanto, esse recurso exige cuidado e consistência para que o uso de pronomes e terminologias neutras seja fluido e compreensível ao público leitor, ao mesmo tempo que respeita a identidade do personagem. Alguns autores também fazem uso de personagens secundários ou de diálogos que explicam o conceito de não binaridade de maneira sutil, evitando a exposição direta e criando um momento de empatia para o leitor.

No campo da criação, um dos principais desafios enfrentados pelos autores é equilibrar a caracterização dos personagens não binários com as expectativas do público-alvo, especialmente em obras destinadas ao público infantojuvenil. É necessário que esses personagens não se tornem estereótipos ou representações limitadas, o que poderia reduzir sua autenticidade e complexidade. A inclusão de personagens não binários deve, portanto, considerar as nuances e as experiências únicas associadas a essa identidade, evitando que essas figuras sirvam apenas como símbolo de diversidade sem profundidade narrativa.

No contexto das discussões contemporâneas sobre direitos humanos e justiça social, a inclusão emerge como um princípio fundamental nas agendas de progressismo. Baseado no reconhecimento das complexidades intrínsecas das subjetividades e identidades, bem como das diversas alteridades e trocas sociais, o conceito de inclusão busca garantir o direito à existência plena e igualitária para todos os indivíduos. Como evidenciado pelos estudos de multiculturalidade e interseccionalidade, as respostas para os desafios de um mundo cada vez mais complexo e interconectado estão apoiadas em estruturas que elevam e aprofundam os valores de dever e direito. Essas estruturas são projetadas para incluir um número crescente de populações historicamente marginalizadas e excluídas, promovendo assim um ambiente mais justo e equitativo. Nesse sentido, a seguinte citação reflete essa visão ampliada e inclusiva:

A inclusão é prioritariamente, em uma palavra, o projeto das agendas sociais do que se convencionou chamar de progressismo, que se baseia no direito à existência calcado na complexidade cada vez maior das subjetividades e identidades (relações intrapessoais) e das alteridades e trocas sociais (relações interpessoais). Como mostram os estudos de multiculturalidade e interseccionalidade, entre muitos outros, as respostas para um mundo cada vez mais complexo estão amparadas por ordenamentos (inclusive, mas não exclusivamente, jurídicos) em que os valores de dever e direito se elevam e se aprofundam para incluírem gamas crescentes de populações historicamente excluídas e marginalizadas (Barreto, 2024, p. 50).

Para as editoras, os desafios envolvem desde a aceitação do público até questões relacionadas à distribuição e comercialização das obras. As editoras podem temer a reação negativa de leitores mais conservadores ou a baixa aceitação de produtos que desafiam convenções tradicionais de gênero. Além disso, a adaptação de personagens não binários para mercados internacionais, em especial para línguas nas quais a flexibilidade de gênero na linguagem é limitada, pode ser um obstáculo adicional. Em idiomas que não possuem pronomes neutros estabelecidos ou amplamente aceitos, a tradução desses personagens sem perder a integridade da representação de gênero é uma tarefa complexa e exige inovação por parte dos tradutores e editores.

ESTUDO DE CASO: PERSONAGENS NÃO BINÁRIOS NA LITERATURA

Quando se analisa a produção de personagens não binários, é valioso examinar algumas obras literárias contemporâneas que não apenas introduzem tais personagens, mas que também têm tido impacto significativo na literatura juvenil e adulta. Essas obras exemplificam diferentes estratégias de construção de identidade e, em muitos casos, abrem espaço para discussões sobre gênero e diversidade.

Um dos exemplos mais frequentemente citados é o romance *Pet*, de Akwaeke Emezi (2019), que acompanha a protagonista Jam, uma adolescente negra e trans em uma sociedade futurista que se vê livre de monstros metafóricos, como preconceito e violência. A obra se destaca por incorporar a fluidez de gênero como parte da vida cotidiana e, também, por trazer complexidade

emocional à experiência de um mundo que reconhece e respeita identidades além das normas de gênero. A linguagem inclusiva e a naturalização da identidade da protagonista são pontos centrais que ajudam a transformar a obra em uma referência para leitores em busca de representatividade autêntica: “Jam deve lutar não apenas para proteger sua melhor amiga, mas também para desvendar a verdade e responder à pergunta: Como você salva o mundo dos monstros se ninguém admite que eles existem?” (Emezi, 2019, p. 13).

A frase enfatiza dois desafios principais: proteger sua melhor amiga e desvendar a verdade oculta. O dilema de “Como você salva o mundo dos monstros se ninguém admite que eles existem?” reflete uma crítica à sociedade que prefere fechar os olhos para os problemas a enfrentá-los. Jam precisa navegar por esse ambiente de negação e buscar a verdade, mesmo quando isso significa enfrentar resistência. A passagem sublinha a importância da coragem e da determinação em desmascarar realidades incômodas e proteger aqueles que amamos. Essa luta contra a negação e pela justiça é um tema central na obra de Emezi, tornando a história não apenas uma fantasia envolvente, mas também uma reflexão sobre questões sociais contemporâneas.

Outro exemplo marcante é *They both die at the end*, de Adam Silvera (2017), no qual um dos personagens principais, Mateo, possui uma abordagem fluida de gênero e vive uma experiência que desafia o conceito de masculinidade tradicional. Embora a identidade de gênero de Mateo não seja o foco central da narrativa, o autor habilmente incorpora essa característica de forma sutil, permitindo que o público perceba como as nuances de identidade fazem parte da vida dos personagens. Silvera (2017), ao não enfatizar exageradamente a identidade de gênero de Mateo, cria um espaço seguro em que o leitor se concentra na jornada emocional, destacando que o gênero não é um fator limitante para o desenvolvimento pessoal e a construção de vínculos afetivos.

Por fim, *The black flamingo*, de Dean Atta (2019), é uma narrativa poética que acompanha Michael, um jovem negro britânico que explora sua identidade tanto de gênero quanto de sexualidade. Embora Michael não seja explicitamente não binário, o livro apresenta uma jornada de autodescoberta em que a liberdade de expressão e a desconstrução das normas são abordadas de forma poética e visualmente envolvente. A narrativa desafia a heteronormatividade e explora uma pluralidade de vivências, abrindo espaço para leituras que celebram a autenticidade e a aceitação das próprias identidades.

Essas obras são representativas de um movimento crescente de literatura que, ao incluir personagens não binários, não apenas amplia o leque de

experiências literárias disponíveis ao público, mas também atua como um agente de transformação cultural e social, oferecendo aos leitores de diferentes origens a oportunidade de ver a diversidade de identidades refletida nas páginas dos livros.

CONCLUSÃO

A análise sobre a inclusão de personagens não binários na literatura revela que, embora essa representação ainda enfrente desafios, sua presença contribui de maneira significativa para a diversificação da narrativa e para a construção de identidades. Por meio de estratégias narrativas como o uso de pronomes neutros, a criação de ambientes inclusivos e a construção cuidadosa das características dos personagens, autores e editoras oferecem ao público uma literatura mais ampla e plural. Obras como *Pet*, *They both die at the end* e *The black flamingo* demonstram o impacto positivo que personagens não binários podem ter na formação de empatia e identidade entre leitores, especialmente quando representados de forma autêntica e não estereotipada.

A inclusão de personagens não binários possui importantes implicações para a literatura e a indústria cultural. À medida que o público, cada vez mais diversificado, busca representações que reflitam suas próprias experiências, a literatura e outras produções midiáticas tendem a abraçar novas perspectivas de gênero. Esse movimento não só desafia normas culturais rígidas, mas também redefine o que é considerado normal ou aceitável, promovendo um espaço para que autores contem histórias mais inclusivas. Em longo prazo, essa mudança pode impulsionar uma produção artística e literária que ultrapassa o binarismo de gênero, criando narrativas mais universais e empáticas.

Sugestões para futuras pesquisas incluem estudos aprofundados sobre como a literatura infantojuvenil e *young adult* pode moldar percepções de gênero desde cedo, além de investigações sobre a recepção de personagens não binários em culturas e idiomas que têm menos flexibilidade de gênero linguístico. Pesquisas sobre o impacto psicológico da representatividade não binária em leitores também podem trazer novas perspectivas sobre a importância dessas narrativas para a autoestima e a autoaceitação. Além disso, a análise comparativa de diferentes abordagens de tradução para personagens não binários em contextos culturais diversos pode enriquecer o entendimento das

implicações globais dessa representação. Esses estudos poderão expandir ainda mais a compreensão sobre o papel transformador da literatura na promoção da diversidade e inclusão de gênero.

Non-binarity as representation and identity in contemporary literature

Abstract

This article explores narrative strategies for constructing non-binary characters in contemporary literature, analyzing authors' approaches and the challenges they face when including characters that expand gender diversity. The research also examines the social impact of such representation and how it can influence readers' identity and empathy, especially among younger audiences, fostering new possibilities for inclusion and understanding of non-normative identities.

Keywords

Gender representation. Non-binary characters. Contemporary literature.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C.; UMBACH, R. Identidades marginais na literatura da pós-modernidade. *Muitas Vozes*, v. 6, n. 1, p. 29-54, 2017.

ATTA, D. *The black flamingo*. London: Hachette Children's, 2019.

BARRETO, M. R. M. Reflexões sobre diversidade, inclusão e equidade de gênero no contexto da aviação. *Revista Conexão SIPAER*, v. 14, n. 1, p. 50-55, 2024.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, G. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

EMEZI, A. *Pet*. Nova York: Make Me a World, 2019.

HOOKS, B. A margem como um espaço de abertura radical. *In*: HOOKS, B. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v. 36).

LE GUIN, U. K. *The left hand of darkness*. London: Hachette UK, 2012.

PADILHA, V. B.; PALMA, Y. A. Vivências não-binárias na contemporaneidade: um rompimento com o binarismo de gênero. *In*: 11º SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO e 13th WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 2017, Florianópolis. *Anais eletrônicos [...]*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

PORTO, M. P. A pesquisa sobre a recepção e os efeitos da mídia: propondo um enfoque integrado. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: Intercom, 2003.

QUEIROZ, S. R. Cresce a representatividade LGBTQIAP+ na literatura. *Jornal O Casarão*, 25 ago. 2024. Disponível em: jornalocasarao.uff.br/2024/08/25/cresce-a-representatividade-lgbtqiap-na-literatura/. Acesso em: 2 set. 2024.

SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero. *Revista Labrys Estudos Feministas*, n. 10, p. 1-25, jul./dez. 2011.

SILVA, L. C.; SILVA, K. G. de. O negro na literatura infantojuvenil brasileira. *Revista Thema*, v. 8, n. esp., p. 1-13, 2011.

SILVA JUNIOR, A. L. da. Feminização, estigma e o gênero facializado: a construção moral do gênero feminino por meio de cirurgias de feminização facial para travestis e mulheres transexuais. *Saúde e Sociedade*, v. 27, p. 464-498, 2018.

SILVERA, A. *They both die at the end*. New York: Simon & Schuster, 2017.